Samba e carnaval nas transformações dos bairros de São Paulo (SP): caminhos, encruzamentos e luminosidades nas quebradas

DOI: 10.54446/bcg.v15i1.3760

Alberto Luiz dos Santos[1], *Daniel Bruno Vasconcelos*[2], *Silvia Lopes Raimundo*[3]

Resumo

O artigo examina a relevância histórica, cultural e social do samba em São Paulo, destacando-o como uma expressão de resistência e celebração coletiva enraizada na vida de bairro. O objetivo é investigar de que modo o samba atua como referência e preservação cultural nas periferias paulistanas, fortalecendo as identidades locais e promovendo intercâmbios culturais, ao mesmo tempo que resiste à homogeneização imposta pela especulação imobiliária e pelo mercado cultural globalizado. Metodologicamente, articula-se bibliografia sobre os processos de urbanização de São Paulo e a espacialidade do samba paulistano, pontuando dados secundários (representados em mapa temático) e políticas urbanas balizadoras dessa articulação, além das anotações feitas a partir da observação participante em rodas e escolas de samba, em batucadas de futebol de várzea e atividades em ocupações culturais. Os processos e temas debatidos suscitam o entendimento de que a realização do samba conflui para a valorização das quebradas como espaços luminosos, potencializados pelo encruzamento de múltiplas referências culturais.

PALAVRAS-CHAVE: samba, carnaval, bairro, quebrada, resistência.

1 Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na rede municipal de educação de Campinas (SP). E-mail: betospvls@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-6657-4806.

2 Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP. E-mail: danielvasconcelos@yahoo.com.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2889-8548.

3 Doutora em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Instituto das Cidades, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). E-mail: silvia.lopes@unifesp.br. ORCID: https://orcid.org/0009-0009-2637-0601.

Introdução

O carnaval brasileiro é expressão de múltiplos encruzamentos[4] (Simas; Rufino, 2019) de referências culturais populares, ou seja, objetos, práticas e lugares que fomentam sentidos de identidade (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan], 2016), embora atravessados por interesses político-econômicos e relações de poder.

Dentre as diversas celebrações carnavalescas do Brasil, este artigo se concentra no carnaval que está assentado nos fundamentos e matrizes dos sambas brasileiros. O termo no plural, que será aprofundado nas seções posteriores, evoca a dimensão multicêntrica do samba (Azevedo, 2018) em sua história e contemporaneidade, que culminou na pluralidade de suas vertentes, conforme debatido por Lopes (2005).

É potente, nesse sentido, mobilizar a noção de "mundo do samba", termo corrente entre sambistas e entusiastas. Segundo Dozena e Marcelino (2008, p. 16), que analisaram o samba paulistano:

> A designação mundo do samba visa englobar as atividades que têm o samba como o elemento central, dentre elas aquelas que acontecem nas escolas de samba, rodas de samba, bares e casas noturnas especializadas, projetos e movimentos de samba.

Entendemos que, a despeito da espetacularização da festa carnavalesca para fins de lucro – sobretudo nos desfiles oficiais das "passarelas do samba" nas grandes cidades e metrópoles como São Paulo (SP) –, permanece uma dimensão de sociabilidade popular no ciclo do carnaval. Noutros termos, o carnaval do mundo do samba segue sendo expressão de um fazer coletivo que permeia a vida nas *quebradas do mundaréu*[5]. Na potência das miudezas, entendidas por Simas e Rufino (2019) como bases de enfrentamento aos traumas do colonialismo, pelas quais o prático e o simbólico são avivados, os significados e valores vinculados ao samba se elaboram e são compartilhados. O carnaval, assim, se faz aporte identitário, mobiliza os afetos e se torna grandioso, independentemente de qual seja o grau da disputa, sejam os "grupos especiais", os segmentos de acesso ou os blocos de rua.

É nesse sentido que, mesmo destacando o universo criativo das escolas de samba, nos parece importante demarcar que o debate proposto por este artigo

4 A menção aos *encruzamentos*, assim como aos *caminhos* e *miudezas*, citados adiante, baseia-se em Simas e Rufino (2019), que debatem referências da cultura iorubá nas culturas populares brasileiras. Os encruzamentos são entendidos como possibilidade, inacabamento e imprevisibilidade, expressando a ancestralidade numa lógica espiralar de tempo.

5 Expressão utilizada em referência ao disco dirigido pelo escritor, ator, diretor e jornalista Plínio Marcos. *Plínio Marcos em prosa e samba – Nas quebradas do mundaréu – Geraldo Filme, Zeca da Casa Verde e Toniquinho Batuqueiro* é uma produção que narra, em relatos articulados aos sambas gravados pelos referidos sambistas, processos marcantes das matrizes e espraiamento do samba paulistano.

perpassa, também, uma noção mais ampla de agrupamentos carnavalescos, sendo então contempladas não apenas as escolas de samba, como também blocos e cordões carnavalescos que têm os fundamentos do samba como referência. Os cordões são agrupamentos seminais do carnaval popular negro paulistano no início do século XX (Von Simson, 2007), sendo que a maioria se transformou em escola de samba a partir dos anos 1960, com a oficialização do carnaval paulistano (Baronetti, 2015; Dozena, 2012). Já os blocos a que nos referimos são aqueles cujo desfile está centrado no desenvolvimento de um tema, que tocam arranjos musicais de samba-enredo e apresentam elementos inspirados nas escolas de samba (arranjo das baterias, fantasias, composições etc.). Cumpre destacar que, mesmo fazendo parte do carnaval, nem todos os *blocos de rua* ou *bloquinhos* (termo corrente na promoção do carnaval contemporâneo) podem ser compreendidos como pertencentes ao mundo do samba.

Na dimensão teórico-metodológica, há uma importante produção científica que se dedicou à interpretação e análise dos grupos fazedores do carnaval, destacando-se as ciências humanas, bem como as áreas de linguagens e comunicação. Na dimensão do cotidiano, enquanto pessoas que vivem o urbano e fazem ciência, na condição de autores deste artigo, temos também uma miríade de situações vividas e possibilidades de sociabilização que nos aproximam dos festejos carnavalescos, uma vez que frequentamos os espaços do samba aqui mencionados.

Ao longo de todo o texto, optamos por incorporar formas, linguagens e expressões oriundas das periferias urbanas. Ainda que essa escolha metodológica se afaste dos padrões convencionais da escrita acadêmica e possa ser interpretada como coloquial, entendemos que sua adoção representa um posicionamento político e epistemológico voltado à valorização das culturas periféricas e de seus modos próprios de enunciação.

O percurso analítico do artigo se inicia, na seção "A espacialidade dos sambas e do carnaval", com uma abordagem da espacialidade do samba e do carnaval a partir de uma perspectiva afrodiaspórica e geográfica, evidenciando sua ancestralidade e sua constituição como prática cultural multicêntrica, profundamente enraizada nas dinâmicas sociais e urbanas. A seguir, na seção "O samba e o carnaval paulistano, entre o rural e o urbano", a discussão foca a formação dos bairros populares paulistanos e os encruzamentos entre rural e urbano que deram origem aos agrupamentos carnavalescos. Essa parte mostra como cordões, blocos e escolas de samba foram se territorializando na cidade, consolidando uma rede de sociabilidades e vínculos comunitários.

Na seção "O samba e o carnaval paulistano, da cidade à metrópole", são explorados os processos de formação da periferia e as transformações urbanas recentes e seus impactos sobre as práticas do samba e do carnaval, com destaque para os efeitos da especulação imobiliária, das políticas públicas e das dinâmicas de gentrificação. Já a seção "Samba e carnaval entre luminosidades e opacidades: uma leitura geográfica" introduz a leitura geográfica dos circuitos culturais, com base nos conceitos de Milton Santos, para pensar a dualidade entre espaços luminosos e

opacos, evidenciando como os territórios periféricos, embora marginalizados economicamente, revelam uma intensa efervescência cultural e resistência simbólica.

Este artigo tem como objetivo geral analisar como o samba e o carnaval, enquanto práticas culturais enraizadas nos bairros populares de São Paulo, se articulam à produção e transformação do espaço urbano. A investigação busca compreender de que forma essas manifestações promovem sociabilidades, ativam economias locais, fortalecem vínculos comunitários e funcionam como formas de resistência perante os processos de segregação socioespacial, gentrificação e mercantilização da cultura na metrópole paulistana.

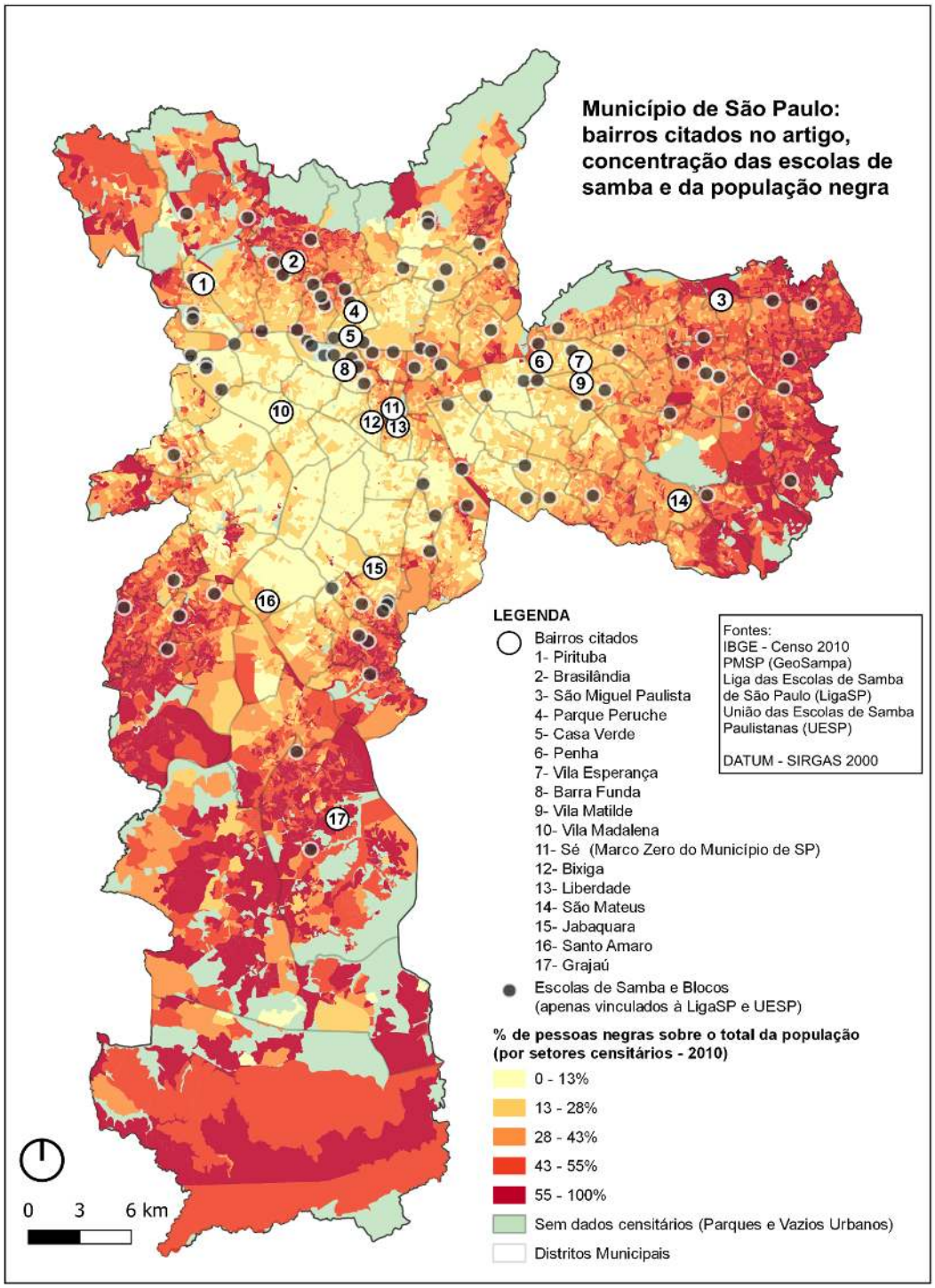
Considerando a amplitude dos processos debatidos, elaboramos um mapa temático (Mapa 1), apresentado nesta introdução, ainda que seus conteúdos dialoguem com todas as seções. Quem nos lê pode recorrer ao mapa para localizar os bairros citados no texto, bem como para elucidar diferentes eixos da discussão, a partir de duas bases de dados: a localização das escolas de samba e blocos, e o percentual de população negra por setores censitários.

Quanto às escolas e blocos[6], optamos por essa localização pois suscita, à pessoa que lê, relações possíveis entre essa dimensão do mundo do samba, os bairros (contextualizados historicamente ao longo das seções) e o território periférico. Já a escolha pela camada de concentração de pessoas negras se justifica por um duplo movimento: por um lado, trata dos territórios negros da metrópole, histórica e contemporaneamente vinculados ao mundo do samba; por outro, elucida o território periférico em si, já que os dados demográficos[7] revelam que as áreas concentradoras de pessoas negras são aquelas que apresentam menores índices de rendimento e infraestruturas urbanas, demarcando a dimensão racial da desigualdade (Santos, R., 2012).

6 Foram mapeadas apenas as agremiações da Liga Independente das Escolas de Samba de São Paulo (Liga-SP) e da União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP), entidades que organizam os desfiles fundamentados no samba, conforme discutido nesta introdução.

7 Sobre o tema, ver o Mapa da Desigualdade elaborado pela Rede Nossa São Paulo (2024).

Mapa 1. Município de São Paulo: bairros citados no artigo, concentração das escolas de samba e da população negra



Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A espacialidade dos sambas e do carnaval

Considerando o objetivo apresentado, partimos de uma compreensão dos sambas em uma chave espacial. Para explicitar esse entendimento, tomamos alguns processos como referência, ainda que não estejam centrados, especificamente, em São Paulo.

O primeiro concerne à própria história do samba brasileiro, em suas diversas vertentes[8]. O samba, assim como os demais ritmos do Brasil e das Américas, compõe o amplo conjunto de formas de expressão musical resultantes da diáspora da população do Atlântico Negro, um movimento transnacional que tem como uma de suas marcas a intensa interação, criação e transcendência de expressões culturais (Gilroy, 2001). O samba, assim como as demais expressões da música afrodiaspórica (Souza, 2019), vincula, em sua realização, o que Marcos Santos (2017) denomina como elo de ancestralidade: o tocar, o cantar e o dançar. Uma tríade que envolve som, corpos, memórias, encontros e saberes, entre outras dimensões que possuem inerente espacialidade, encruzando múltiplos lugares e territórios, seja enquanto realização prática ou enquanto referências antepassadas.

Tomando como referência o Brasil, no processo de formação socioespacial (Santos; Silveira, 2001) decorrente do projeto colonizador, entre fazendas e quilombos, as pessoas negras consolidaram, em diversos arranjos de existência e resistência, formas de encontro e compartilhamento dessa tríade. Assim, torna-se temerário delinear as origens do samba em termos de espaço e de tempo ou enquadrá-las em uma genealogia lógica e definitiva.

Conforme destaca Azevedo (2018, p. 49), cumpre "[...] pensar a dimensão multicêntrica do samba, ou seja, seu movimento expansivo, dilatado, giratório, vibrante e multidirecional". No mesmo sentido, articulamos a reflexão de Sodré (1998, p. 12):

> Nos quilombos, nos engenhos, nas plantações, nas cidades, havia samba onde estava o negro, como uma inequívoca demonstração de resistência ao imperativo social (escravagista) de redução do corpo negro a uma máquina produtiva e como uma afirmação de continuidade do universo cultural africano.

Os *sambas* figuram, portanto, como exemplo das dinâmicas culturais que, segundo Gonzalez (1987) ao analisar as festas populares do Brasil, atuaram como força de estilhaçamento das categorias impostas pelo projeto de colonização. A espacialidade de tal força reside na dimensão dos lugares nos quais ocorreram e ocorrem esses encontros, das origens rurais aos sambas urbanos. Cada samba

8 Sobre as vertentes do samba (samba de roda, sambada de coco, pagode, partido-alto, samba de breque, samba de quadra, samba de terreiro, samba-*reggae*, samba-*rock* etc.), encontramos em Azevedo (2018) a expressão *ramificações* e em Iphan (2007) a denominação *subgêneros*. Dentre outras possíveis, tais designações reforçam a pluralidade do samba.

realizado – ou seja, cada encontro de tambor, canto e dança – traz consigo conteúdos espaciais, seja em uma dimensão local ou regional. Quando focamos em vertentes específicas do samba, isso pode ser exemplificado, bem como sentido e percebido. Vejamos o caso do *samba-enredo*, por sua maior vinculação ao carnaval, um dos enfoques deste artigo.

Gestada a partir dos anos 1920 no município do Rio de Janeiro, essa vertente consolidou-se como um samba que "[...] se queria moderno", "[...] absolutamente novo e carioca" (Lopes, 1992, p. 53), legado de um conjunto de imbricações que se deram, entre outros fatores, em razão das transformações urbanas ocorridas no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX, que envolveram políticas urbanas de caráter racista, higienista e segregador.

As matrizes do *samba-enredo* estão vinculadas ao *samba de morro*, vertente precedente que, conforme sugere a denominação atribuída por seus criadores e fazedores, nasceu a partir de um demarcador espacial em si, os morros. Naquele contexto, os morros eram espaços até então desvalorizados e pouco ocupados da cidade e que seriam, nas décadas posteriores, o destino de moradia autoconstruída das pessoas que tiveram o direito ao morar alijado em seus bairros originários (não menos precários) após as reformas que modificaram a dinâmica urbana carioca a partir do término do século XX (Abreu, 1987, 1992).

As diversas vertentes de samba outrora praticadas na Pequena África Carioca (Lopes, 1992), nos quintais das *tias* baianas e nos espaços públicos da região portuária passariam, então, por um grande movimento, uma vez que os rearranjos da moradia das famílias negras no "pós-abolição" seriam, também, rearranjos dos modos de se fazer e celebrar o samba. Trata-se da realização do *samba de morro* no avançar da moradia autoconstruída nos territórios atualmente reconhecidos como favelas e comunidades. Tal vertente se ramificaria, posteriormente, em samba de partido-alto (realizado em roda, com forte incremento do improviso), samba de terreiro (praticado no interior dos espaços de sociabilidade das escolas de samba) e o samba-enredo, esse mais diretamente relacionado aos desfiles de carnaval (Iphan, 2007; Lopes, 1992).

Eis mais uma espacialidade fundante no universo criativo do mundo do samba: o morro e o asfalto. O samba-enredo, potencializado pelas comunidades negras em sua intencionalidade festiva, "ganhou as ruas", porém, influenciado por referências de uma cultura dominante (como as paradas e desfiles militares) e apropriado por uma estratégia perversa de estereotipar a falsa democracia racial e sintetizar uma versão de "identidade brasileira". Todo esse arranjo, que serviria posteriormente a uma pujante economia do turismo "no asfalto", é oriundo de um enraizamento espacial, os morros.

O movimento criativo das escolas de samba, mobilizador de afetos e encantamento da população, não estava restrito, contudo, aos morros cariocas. Em simultaneidade temporal, ele expressava sua pujança também nos bairros emergentes nos eixos ferroviários, o subúrbio carioca em formação, abrangendo as

zonas norte e oeste (Lopes, 1992). Ademais, cumpre destacar que, junto a essa intensidade em território carioca, a criação de escolas de samba se deu em outras cidades brasileiras, no mesmo contexto. A paulistana Lavapés, de 1937, ou mesmo a Escola de Samba Bambas, de Ribeirão Preto, criada em 1927 (Santos, A., 2021), um ano antes da fundação da Deixa Falar, em 1928 (origem da escola de samba carioca Estácio de Sá), são exemplos de que a noção de um "modelo carioca" de carnaval é um tanto problemática.

Um caminho mais elucidativo é reconhecer a existência de múltiplos agrupamentos carnavalescos que foram influenciados pelas escolas de samba do Rio de Janeiro e que, nas décadas posteriores, passariam a se organizar como tal, porém imbricando diversos elementos próprios. É o caso dos cordões paulistanos, matrizes de parte das atuais escolas do município de São Paulo[9].

O samba e o carnaval paulistano, entre o rural e o urbano

Seguindo em uma chave espacial de compreensão, os encruzamentos e caminhos do samba na pauliceia podem ser entendidos a partir de uma trama de relações entre: os encontros de tambor-canto-dança do interior (samba de bumbo, samba-lenço, tambu e jongo, principalmente); os encontros de tambor-canto-dança da capital (tiririca e batucada dos trabalhadores engraxates, na Barra Funda e Praça da Sé); os festejos afrocatólicos realizados no interior do estado (Santana do Parnaíba, Pirapora do Bom Jesus, Tietê, Campinas, Vinhedo etc.); e os festejos afrorreligiosos realizados nas zonas periurbanas com traços de ruralidade da própria capital (como a área atual do distrito da Penha).

Tais encontros e celebrações, bem como as inter-relações entre eles, ocorreram de modo mais pujante entre a última década do século XIX e as primeiras do século XX. Importante destacar que, nesse contexto, formaram-se importantes territórios negros na capital (Rolnik, 2022), seja pela permanência de quilombos urbanos pretéritos, seja pela mobilidade forçada de famílias e comunidades negras no território como desdobramento de leis e reformas urbanas de caráter higienista e racista, sobretudo nos governos municipais de Antonio Prado (1899-1911) e Washington Luiz (1914-1919).

Compreender a conformação desses territórios envolve o entendimento das formas de existência que foram criadas e recriadas como enfrentamento a esses impositivos, formas como o associativismo negro (Domingues, 2000) e a vinculação comunitária que conformaram as micro-áfricas paulistanas (Azevedo, 2016). Nessa chave, é possível identificar, no espaço e no tempo, bairros concentradores desses arranjos, principalmente na Barra Funda, Bixiga, Glicério, Liberdade, Penha, Casa Verde e Parque Peruche,, nos quais emergiram agrupamentos carnavalescos

9 Antes da espacialidade do samba e do carnaval com enfoque em São Paulo, cumpre destacar que a tríade afrodiaspórica supracitada e sua vinculação com o carnaval não se restringem ao samba e ao carnaval das escolas de samba. Tal articulação poderia ser elucidada por meio do maracatu pernambucano, do candombe uruguaio ou do samba-*reggae* baiano, entre tantas outras expressões. Em suma, trata-se de um enfoque.

formados por pessoas que transitavam entre os encontros citados no parágrafo inicial desta seção. Tais entidades emergiram primeiramente como cordões carnavalescos e, posteriormente, como escolas de samba e blocos.

Já em meados do século XX, essa concentração passaria por um espraiamento, fruto das dinâmicas que passavam a impulsionar a formação das periferias urbanas e, posteriormente, a transformação da cidade em metrópole. Reservando a análise desses processos para a seção posterior, cumpre antecipar, a título de elucidação, que esses redutos iniciais do samba paulistano se multiplicaram com o passar das décadas: Vila Matilde, Vila Esperança, Penha, Brasilândia, Jabaquara, Pirituba, São Miguel Paulista, Grajaú, Santo Amaro, entre outros; seria infindável a lista das quebradas do mundo do samba (Santos, A., 2021).

Se pensarmos que as escolas de samba paulistanas são caudatárias não apenas dos cordões, como samba de bumbo, batucada dos engraxates e tiririca, entre outros, elas são o legado, conjuntamente, das dinâmicas de segregação social e racial que se desdobraram em São Paulo, formadoras de territórios negros e de bairros populares, também concentradoras de famílias brancas de menor renda.

Pensemos no exemplo de um reduto do carnaval e do samba paulistano: a Vila Esperança[10], na zona leste, berço de festejos carnavalescos desde meados do século passado aos dias atuais. Em 2023, no dia 3 de fevereiro (dois sábados antes do carnaval "oficial"), as ruas do bairro foram tomadas pelas apresentações de três agrupamentos situados numa extensão espacial que não passava de dez quadras: a escola de samba *Nenê de Vila Matilde*, "nascida" em 1949; o bloco *Chorões da Tia Gê*, de 1973; e o bloco *Tá com Medo, Por Que Veio?*

A "Nenê", o "Chorões" e o "Tá com Medo" atraíram centenas de pessoas, entre pequenos cortejos na rua e apresentações no palco montado também no espaço público. Após o encerramento do evento, que havia se iniciado à tarde, os bares do entorno ficaram cheios e rodas de samba começaram a tocar ao longo da noite. No sábado subsequente, dia 10 de fevereiro, poucas quadras abaixo do lugar em que havia ocorrido esse encontro de três agrupamentos carnavalescos do mundo do samba, foram realizados os desfiles de blocos especiais organizados pela União das Escolas de Samba Paulistanas (UESP) na Avenida Alvinópolis, reunindo blocos de todas as zonas da cidade.

A territorialização do samba na Vila Esperança e em outros bairros populares de São Paulo é resultado de processos históricos marcados pela segregação racial, social e territorial, impulsionados pela explosão urbana (Lefebvre, 2001) e pelas dinâmicas do mercado de terras. Esses contextos promoveram a concentração do "povo do samba" em áreas periféricas, nas quais, por meio das encruzilhadas culturais, floresceram práticas e sociabilidades que hoje constituem um patrimônio cultural vivo. Tal patrimônio extrapola os agrupamentos carnavalescos formais, abrangendo também bares, campos de várzea, residências de baluartes, casas de *shows* e coletivos de samba (Santos, A., 2021), compondo uma ampla rede de

10 Ver localização da Vila Esperança no Mapa 1.

territorialidades simbólicas e afetivas. Esses espaços e práticas se firmam como referências comunitárias, nutridos por saberes, fazeres e celebrações (Iphan, 2016), e são reconhecidos como bens culturais por seus próprios praticantes, a despeito de chancela normativa, revelando-se como expressões legítimas da memória coletiva e da resistência cultural urbana[11].

Pensando na contemporaneidade dos processos até aqui elencados, partiremos, na seção seguinte, para o trato de questões mais pontuais da metrópole, sobretudo no âmbito de políticas urbanas. Trata-se de reconhecer os fecundos encruzamentos do mundo do samba e, dialeticamente, os grandes impulsionadores de processos que, à revelia da intencionalidade do sambista, são oriundos do pacto capital-Estado. Noutros termos, reconhecer que os projetos de cidade e políticas urbanas se apresentam antes como estradas do que como caminhos. São versões reduzidas do encantamento, projetos que, em tese, seriam de cidadania, porém assumem a premissa de ser protótipos da vida pelo e para o consumo. Estradas de percurso delimitado que vêm atravessando, não sem resistência, os frutíferos caminhos do mundo do samba.

O samba e o carnaval paulistano, da cidade à metrópole

As periferias urbanas são espaços muito reconhecidos pela sobreposição de ausências de políticas públicas em infraestrutura, saneamento básico, saúde, educação, esporte, cultura e lazer, uma condição historicamente construída, marcada pela ausência de direitos estabelecidos na Constituição de 1988 como fundamentais para o bem-estar da população brasileira. Processos simultâneos de espoliação urbana (Kowarick, 1979) e segregação socioespacial (Santos, Milton, 2009) intensificaram a condição de privações e acesso às políticas públicas e serviços fundamentais. Em *Espaço do cidadão*, Milton Santos (2007, p. 151) alerta sobre a relação existente entre desigualdades territoriais e direitos quando escreve: "Há desigualdades sociais que são, em primeiro lugar, desigualdades territoriais, porque derivam do lugar onde cada qual encontra. Seu tratamento não pode ser alheio às realidades territoriais. O cidadão é indivíduo num lugar".

11 Ainda que afirmemos a relevância desses agrupamentos como patrimônio, independentemente de proteção normativa, cumpre destacar que, na esteira das políticas de proteção ao patrimônio imaterial postas em prática pelas instituições após os anos 2000 (Decreto nº 3.551/2000), diversas normativas de proteção e estudos de salvaguarda do samba foram colocadas em prática, por exemplo, o Dossiê Matrizes do Samba do Rio de Janeiro (Iphan, 2007); o Registro do Samba de Roda do Recôncavo como Patrimônio Imaterial pelo Iphan, em 2004 (Iphan, 2006); o Registro do Samba de Bumbo como Patrimônio Imaterial Paulista pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) por meio da Resolução da Secretaria de Cultura (SC) nº 55, de 27 de outubro de 2017 (São Paulo [Estado], 2018); e o Registro do Samba Paulistano como Patrimônio Imaterial pelo Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (Conpresp, Resolução nº 29/2013), em 2013, entre outras normativas. Sem o alcance de uma política de patrimônio, porém fomentadora de outras políticas, destaca-se também a recente Lei Nelson Sargento (Lei nº 14.567/2023), que reconhece as escolas de samba como manifestações da cultura nacional e afirma competir ao poder público a garantia de realização dos desfiles carnavalescos.

Entretanto, práticas sociais e culturais contrariam o duro cotidiano das periferias e, à revelia dessa realidade, o popular e o comunitário acontecem. Movimentos populares, sociais e culturais criam espaços de resistência nos quais refletem sobre a vida cotidiana e as dificuldades de habitar em uma grande cidade, produzem cultura e organizam atividades artísticas em diferentes linguagens (Raimundo, 2017). Dentre essas práticas, encontra-se o samba, que reúne e, em ato de resistência, alegra aqueles que buscam refúgio e vida nesses espaços.

No Brasil, a população negra, desde "[...] o período no qual perdurou o regime escravagista e, posteriormente, quando se iniciou – após a Abolição – o seu processo de marginalização [...]", sempre foi grande organizadora, como na "organização de quilombos, de confrarias religiosas, irmandades, dos cantos, na Bahia, de grupos religiosos afro-brasileiros como o candomblé, terreiros de xangô e mesmo umbanda, mais recentemente [...]" (Moura, 1983, p. 47). E, de maneira transversal, a música, especialmente o samba, essência dos cordões, rodas e escolas em que, para além dos preparativos para o carnaval, durante todo o ano "[...] são pontos de reuniões dos negros que, além de bailes, vão ativar o seu espírito associativo e avivar a sua consciência étnica" (Moura, 1983, p. 60). O negro organizador reúne e, a partir do lugar de encontro, contribui para a sobrevivência do samba e a consolidação de sociabilidades e subjetividades que, para além das rodas e escolas de samba, afetam outras escalas, como a quebrada, o bairro e a cidade[12].

Durante o século XX, os encontros do mundo do samba consolidaram um grande movimento popular, articulando e expressando conteúdos políticos, socioeconômicos, raciais e culturais da urbanização de São Paulo. Tal dinâmica promoveu a sociabilidade de pessoas nos bairros e o intercâmbio entre bairros, sobretudo no contexto de implosão interna da cidade e de sua explosão (Lefebvre, 2001), com progressiva ampliação da área urbanizada, após a década de 1940.

Nessa conjuntura, com base na leitura de Seabra (2003), é possível identificar a consolidação da vida de bairro em áreas majoritariamente ocupadas pela classe trabalhadora, nas quais se estruturam formas de sociabilidade e pertencimento. Com o objetivo de analisar a urbanização de São Paulo e compreender a fragmentação contemporânea do espaço, a autora destaca que só é possível compreender o bairro em relação à cidade como totalidade, ou seja, o bairro como uma dimensão da cidade. Para tanto, define o bairro como a instância do morar, das relações de vizinhança e compadrio, assentadas em suportes de sociabilidade. Assim, a vida de bairro, naquele contexto, consolidava-se a partir de um caráter cíclico, fortalecido pelo encontro e por formas de expressão do lúdico, como uma contrapartida ao tempo do trabalho (Seabra, 2003).

Nesse contexto, a ampliação da oferta de empregos nos setores industrial e de serviços na capital, associada às políticas de incentivo à imigração – elemento estratégico no projeto de branqueamento da população brasileira (Moraes, 2024) – e

12 Ver no Mapa 1 o cruzamento dos indicadores raciais e territórios do samba (escola de samba).

às transformações nas relações de trabalho no campo, intensificou os fluxos migratórios provenientes de diversas regiões do Brasil e do exterior. Simultaneamente, legislações restritivas ao uso residencial do centro (como a proibição dos cortiços), aliadas à criação de vilas operárias e à expansão de moradias por meio da autoconstrução, contribuíram para a expansão da malha urbanizada, deslocando os trabalhadores e suas práticas socioculturais para áreas cada vez mais periféricas da cidade, ou mesmo da metrópole.

Com a estruturação da cidade como metrópole, sobretudo após a década de 1970, pautada pela reprodução e fragmentação espacial (Carlos, 2001), a especulação imobiliária, em sua sanha pelo espaço tornado mercadoria, atravessou os arranjos existentes, comprometendo a vida de bairro em termos das sociabilidades até então vigentes, em um processo contínuo de sua ressignificação (Santos, A., 2021), dialogando também com o movimento de gentrificação das cidades (Smith, 2006, 2007).

Nesse movimento pelos bairros da capital, o samba registrava suas marcas, seja por meio do encontro das pessoas, seja pela criação e manutenção de oportunidades de trabalho a partir da realização da festa, principalmente do carnaval, que anima também a economia periférica. Em certa medida, o circuito inferior da economia urbana (Santos, Milton, 2008), por meio das atividades relacionadas ao mundo do samba (comércio de bairro, confecção de fantasias, alegorias e adereços, serviços de transporte, serviços de estrutura de áudio, remuneração de artistas etc.), foi provedor e fonte do sustento de muitas famílias.

Ao longo dos anos, esse movimento fortaleceu o sentimento de identidade e pertencimento aos bairros, principalmente aqueles em que as comunidades fundaram agrupamentos carnavalescos, como o caso da Vila Esperança e da Vila Matilde. Assim, a defesa do samba e das escolas de samba foi, gradativamente, fortalecendo-se de modo fluido, fruto de uma resistência popular e negra que, com o passar dos anos, tornava-se também periférica. Os arranjos de bairro, perpassados por múltiplas influências, demarcavam territorialidades, uma vez que o carnaval abria caminhos para diversos grupos sociais. Em síntese, dos antigos cordões às escolas de samba e blocos contemporâneos, os diferentes agrupamentos do samba firmaram, com o passar das décadas, um papel de grande importância na vida do bairro.

A comunidade local envolvida com o samba – promovido principalmente nas quadras, mas também nas ruas, praças públicas, salões e residências, entre outros locais – fortaleceu a festa, as atividades formativas, as solidárias e de fortalecimento de vínculos em sentido amplo, sempre acompanhadas de uma movimentação econômica e cultural. As escolas de samba tornaram-se reduto de fortalecimento para as comunidades, em que famílias e amigos, dos *milianos*[13] aos recém-chegados, constituíram relações de sociabilidade e vizinhança ao longo de suas vidas.

13 Expressão de uso corrente nas periferias e bairros populares de São Paulo, significa algo antigo, ou seja, uma pessoa ou acontecimento que se remete a décadas atrás.

Como Vanir Belo (2008) escreveu, para além de um espetáculo da indústria cultural, o carnaval é uma construção coletiva de certa comunidade que sustenta a existência da escola e os diferentes processos de construção do carnaval, da elaboração do samba-enredo ao desfile. A autora destaca que, ao desenvolverem ações e fomentarem relações sociais na comunidade e no lugar, dirigentes e componentes das agremiações, conscientes da importância social e cultural da escola, não somente inovam a estrutura organizacional e produtiva da escola, como também criam possibilidades de atuação no cotidiano do lugar, inclusive criando ações, conhecidas como trabalho social, com objetivo de suprir as necessidades mais imediatas da comunidade[14]. Mesmo que em alguns momentos da história o samba tenha sido criminalizado como vadiagem, as resistências populares enfrentaram os percalços discriminatórios estabelecidos ao longo do tempo e, mesmo com mudanças de áreas mais centrais para as periféricas, o samba tem mantido uma significativa relação com o lugar. Ele intensifica a reunião de pessoas, fortalece a economia local e cria subjetividades.

> as relações criadas no lugar, possibilitadas pela contiguidade e pelos laços de vizinhança, se fortalecem criando a necessidade de reproduzir a manifestação no bairro. Isso evidencia uma outra territorialidade e a existência de horizontalidades, ou seja, de uma rede de relações criadas no cotidiano e fortemente ligadas ao lugar. (Belo, 2008, p. 153)

Belo (2008) salienta que, apesar das identidades e do sentimento de pertencimento serem criados pela própria agremiação, os vínculos de algumas escolas de samba podem ser reforçados por laços de vizinhança e parcerias com comerciantes e empresários do seu território de origem. Em São Paulo, também é comum algumas escolas promoverem ensaios antes do desfile oficial nas ruas próximas às quadras, bem como um segundo desfile nos bairros de origem. Um costume que, independentemente da força do confinamento das escolas no Sambódromo e das empresas de turismo, de televisão e uma diversidade de patrocinadores, fortalece os laços e os vínculos entre a agremiação e o lugar.

A localização geográfica das escolas de samba em São Paulo é um fator decisivo para sua formação, consolidação e permanência no grupo especial. Como destaca D'Andrea (2010), além de representar um ponto no território, o lugar

14 Para além das atividades sociais e culturais, fundamentais para a existência das agremiações, imbuídas com o desejo de fortalecer o sentido de comunidade, muitas escolas de samba também praticam ações de caráter assistencialista: "As ações em si também não são novidades para o período atual, mas já na década de 1980 as escolas desenvolviam ações assistencialistas, tais como a distribuição de cestas básicas, campanha com a finalidade de obter recursos ou objetos que seriam revertidos ou doados à comunidade, médico, dentista entre outras coisas. Essas ações permanecem e vêm adquirindo força, o que por um lado é muito interessante, em especial no que se refere àquelas voltadas à área da saúde, uma vez que existe uma parcela significativa da população que não tem acesso universal a esse serviço, mas por um outro lado, essas ações não têm força alguma no sentido de alterar a situação geradora do problema" (Belo, 2008, p. 155-156).

influencia diretamente a mobilização de recursos e pessoas, a organização do desfile e a articulação com estruturas sociais locais, aspectos centrais para o sucesso das agremiações, em contraste com o passado, quando predominava majoritariamente o protagonismo coletivo dos sambistas.

Nesse momento, vamos fazer uma ligação entre dois assuntos que se cruzam no espaço urbano paulistano: as resistências do samba e o processo de reprodução da cidade. Rolnik (2022, p. 93) destaca alguns marcadores de transformações sociais e urbanas na metrópole paulistana no início do século XXI, entre os anos de 2003 e 2013:

> crescimento econômico, aumento na capacidade de consumo dos mais pobres, inserção de uma primeira geração de jovens periféricos nas universidades, combinados com uma agudização da crise da mobilidade, da motorização da periferia e da incapacidade do sistema político e administrativo de oferecer qualidade, eficiência, respeito e dignidade nos serviços de infraestrutura da cidade.

O ciclo de mobilizações urbanas iniciado com as Jornadas de Junho de 2013 marcou uma inflexão significativa na dinâmica política e social da cidade de São Paulo, agregando múltiplas pautas aos protestos inicialmente organizados pelo Movimento Passe Livre (MPL). Ao lado das reivindicações por transporte público, emergiram demandas de mulheres, jovens negros e críticos dos investimentos direcionados à Copa do Mundo de 2014 que evidenciavam a insuficiência de políticas públicas em áreas essenciais como educação, cultura, saúde e segurança. Nesse cenário, também ganharam destaque os rolezinhos em *shoppings centers* (final de 2013) e as ocupações de escolas públicas (a partir de 2015), protagonizados por adolescentes e jovens das periferias, que denunciaram as desigualdades socioespaciais e a ausência de espaços adequados de lazer e cultura (Raimundo; Franca, 2023).

Apesar das inúmeras reivindicações da sociedade civil por investimentos em serviços públicos e equipamentos sociais, o período entre 2010 e 2015 foi marcado pela priorização de recursos públicos em obras de infraestrutura urbana e habitação, especialmente por meio do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e do Programa Minha Casa, Minha Vida (PMCMV). Esse processo coincidiu com a preparação das cidades-sede para a Copa do Mundo de 2014 e resultou em uma significativa reconfiguração espacial de bairros populares, nos quais antigas vilas foram substituídas por empreendimentos imobiliários de médio e baixo padrão. Ainda que o PMCMV tenha promovido crescimento econômico e ampliado o acesso à moradia para a chamada "classe C", sua implementação também contribuiu para o avanço da especulação imobiliária e da valorização do solo urbano, sobretudo nos municípios de São Paulo e Rio de Janeiro (Vasconcelos, 2019).

Na capital paulista, esse processo se deu de forma particularmente intensa na zona leste da cidade, aprofundando a segregação socioespacial, pressionando e

"engolindo" comunidades a partir da lógica de mercantilização do espaço urbano. Mesmo com a posterior desaceleração econômica após 2016, o setor da construção civil manteve sua atuação ativa, ampliando os efeitos de gentrificação e reconfiguração de bairros populares.

Essa nova configuração espacial dos bairros transformou e ressignificou diversos locais, a partir de uma aliança entre a iniciativa privada e o poder público. O processo ocasionou a remoção de diversas moradias e quadras de escolas de samba de seus locais originais. Tal movimento foi comprometendo a memória das pessoas sobre as escolas de samba e suas relações históricas com o bairro ao qual pertenciam.

O caso das escolas de samba Pérola Negra e Vai-Vai são exemplos nítidos desse processo de transformação do espaço urbano, pois ambas tinham suas quadras localizadas em bairros que foram requalificados e apropriados pela especulação imobiliária em São Paulo, respectivamente a Vila Madalena e o Bixiga. Esses, que já foram bairros ocupados por uma população mais empobrecida, tornaram-se ao longo do tempo bairros com histórias boêmias, com uma sociabilidade marcada pelas rodas de samba e ensaios carnavalescos que ultrapassavam o limite de suas quadras, tomando conta das ruas.

A vida sociocultural de bairros na metrópole de São Paulo, na contemporaneidade, tem se transformado em elos de regulamentação pelo poder público, sobretudo por conta de leis municipais, tanto as que fomentam as atividades culturais quanto as que permitem e definem a utilização do espaço urbano e do espaço público. No processo de construção da "metrópole corporativa e fragmentada", o poder público trabalha em consonância com os interesses privados, normatizatizando e legislando[15] a produção do espaço em prol do capital (Santos, Milton, 2009).

Nesse sentido, observamos um fenômeno preocupante no município de São Paulo: a expansão desenfreada da especulação imobiliária não somente em áreas valorizadas em períodos anteriores (como Vila Madalena e Bixiga), que gradualmente reduz sociabilidades e tende ao apagamento das memórias e dos espaços genuínos nos quais o samba floresceu historicamente, mas em áreas mais periféricas, pois, à medida que novos empreendimentos imobiliários multiplicam-se, escolas de samba, bares e botequins tradicionais, que por décadas foram bastiões da cultura do samba, tornam-se alvos fáceis para a gentrificação e o consequente deslocamento de suas comunidades originais.

A especulação imobiliária avança sem considerar as complexidades culturais e históricas dos bairros em que se instala, priorizando o lucro sobre a preservação do

15 A Lei Municipal do Programa de Silêncio Urbano (PSIU, Lei nº 15.777/2013), o Programa Municipal de Apoio a Projetos Culturais (Pro-Mac, Lei nº 15.948/2013), o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo (Lei nº 16.050/2014) e sua revisão no ano de 2023 (Lei nº 17.975/2023), e a Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo – Zoneamento (Lei nº 16.402/2016) e sua atualização em 2024 (Lei nº 18.177/2024) são exemplos de uma regulamentação dos espaços da cidade.

patrimônio imaterial e das identidades locais. Nesse contexto, o samba, que uma vez ecoou nos cantos e nas esquinas desses espaços autênticos, corre o risco de se transformar em uma lembrança distante, diluída na paisagem homogênea das novas construções.

Assim, é crucial refletir sobre como essa urbanização agressiva pode respeitar e preservar os lugares de memória do samba, promovendo políticas que protejam esses espaços de importância cultural e incentivem a participação ativa das comunidades na defesa de seu patrimônio.

As resistências socioculturais dos bairros buscam se estabelecer como um vetor de valorização da história local para o não apagamento das tradições. O samba pode ser considerado em muitos locais da cidade o condutor das raízes dos bairros, estabelecido tanto em quadras de escolas de samba quanto em botecos e vielas que alimentam a sociabilidade e a natureza orgânica do bairro por meio dos encontros e promoção do lazer na vida das pessoas.

As rodas de samba e os diferentes circuitos de carnavais de bairros periféricos entrelaçam a promoção da festa realizada por sambistas, entusiastas de escolas de samba e blocos carnavalescos com as relações sociais de lazer, cultura e turismo. Na última década, o poder público instituiu o Pro-Mac (Lei Municipal nº 15.948/2013) e a cidade de São Paulo entrou com força no circuito nacional de carnaval, tornando-se uma referência em grandes festas carnavalescas, como cidades que se destacavam há décadas nesse ramo, a exemplo de Rio de Janeiro, Salvador e Recife/Olinda.

Samba e carnaval entre luminosidades e opacidades: uma leitura geográfica

Em diferentes lugares do país, o samba, nas suas mais variadas formas, historicamente tem sido um importante motivo de encontro, festa e resistência. A despeito de leis e códigos que buscavam marginalizar a cultura da população negra em diferentes espaços e momentos da história da cidade, inclusive em seus momentos de sociabilidade, o samba ou os batuques e sons que antecederam seu surgimento muitas vezes aconteciam em espaços nos quais a primeira atividade era o trabalho, como carregar mercadoria no Largo da Banana, hoje Barra Funda, ou engraxar sapatos na Praça da Sé.

Ao longo dos séculos XIX e XX, a gestão e a legislação municipal buscavam, por meio de intervenções urbanísticas, limitar o uso de espaços públicos, dificultando especialmente o encontro ou permanência da população negra (Moraes, 2024), o que fez determinados usos do espaço público pela população negra tornarem-se crimes. A tiririca, os batuques e as danças com fundamentos de origem africana, assim como todos que ousassem manifestar-se a partir da cultura negra, passaram a ser criminalizados com perda dos instrumentos, multa ou até mesmo prisão.

Entretanto, e apesar dos esforços para limitar os momentos de encontro e festa, inclusive com o uso da força e da violência de Estado, a cultura dessas populações continua permitindo a existência desses momentos de encontro, troca e

resistência. Desde então, a população negra ocupa os espaços públicos como forma de resistência, atualmente os cordões e blocos carnavalescos, as posses e as rinhas de *rap*, as escolas e rodas de samba, e os bailes e fluxos organizados nas centralidades ou nas periferias são respostas efetivas aos desejos e ao trabalho incessante para impedir a vida prazerosa e alegre na cidade.

Ao pensar sobre o território brasileiro, Milton Santos (1996) afirma que as empresas e o capital valorizam lugares a partir da densidade de informação e conhecimento, em que os lugares que acumulam densidades técnicas e informacionais tornam-se mais aptos a atrair ou afastar investimentos e atividades econômicas. Os conceitos de territórios luminosos e territórios opacos podem contribuir para a compreensão do desenvolvimento econômico dos lugares, zonas e regiões.

Contudo, quando olhamos o território a partir da cultura, notamos que nos espaços economicamente considerados como territórios opacos vemos um cotidiano culturalmente rico. Metrópoles como São Paulo, território formado a partir de sucessivos processos de migrações (portanto, multicultural), são compostas por periferias culturalmente expressivas e luminosas. Então, seguindo a perspectiva de Santos e Silveira (2001), podemos compreender os diferentes contextos de produção de samba por meio da dicotomia entre o "luminoso" e o "opaco" invertida, como também apontada por Pereira (2023) ao estudar a produção cultural periférica em São Paulo.

Os territórios opacos de investimentos e capitais, como as periferias metropolitanas e os espaços de alta vulnerabilidade, são repletos de manifestações luminosas nas ruas, em praças ou em espaços privados como quintais, clubes, coletivos, ocupações e associações de moradores, nos quais o encontro e a festa se fazem presentes. Em meio às opressões do capitalismo e às ausências dos territórios economicamente opacos da grande metrópole, a cultura cria espaços de vida e resistência.

Nos bares, botequins e quebradas, em que o samba se manifesta de maneira mais espontânea e íntima, encontramos o "luminoso". Nesses locais, a diversidade cultural floresce de forma vibrante, proporcionando um caldeirão de experiências musicais e expressões artísticas que refletem a riqueza cultural das comunidades. Por outro lado, nas produções de samba com superproduções e grandes investimentos, observamos a predominância do "opaco". Nele, o capital se impõe sobre a criatividade e a diversidade, muitas vezes padronizando as manifestações artísticas para atender a expectativas de mercado e interesses comerciais. Nesse ambiente, a autenticidade e a originalidade podem ser ofuscadas pela necessidade de lucro e pela busca por uma estética comercialmente viável.

De um lado, o Sambódromo do Anhembi[16] dos grandes carnavais, juntamente com os megablocos que atraem as grandes multidões nas maiores centralidades de São Paulo, revelando a existência de um circuito superior do carnaval, atrelado aos

16 Local destinado à realização dos desfiles das escolas de samba da Liga-SP.

grandes patrocinadores e à cidade do negócio. De outro, os blocos periféricos e as pequenas escolas de samba que fazem o carnaval nas quebradas, reveladores de um circuito inferior do carnaval, fonte para a construção de espaços feitos a partir de vínculos, memórias, afetos e resistências.

Essa situação evidencia como o contexto de produção não apenas molda a expressão cultural, mas também influencia profundamente as formas como o samba é percebido e consumido pela sociedade. Enquanto o "luminoso" ressalta a vitalidade e a pluralidade das tradições musicais locais, o "opaco" destaca os desafios enfrentados pela cultura ao se adaptar e responder às pressões do mercado globalizado. Porém, a dualidade exposta não se apresenta como espaços fechados sem comunicação, resistências ou influências. O "luminoso" pode ter opacidade e vice-versa.

Nas pequenas produções das periferias pode haver o sonho de se tornar empresa e patrão de si. Pressões e distorções do neoliberalismo nas quebradas criam ilusões de crescimento dos negócios e participação no mercado alimentado pelas grandes produtoras. As grandes escolas, apesar de participarem de uma atividade bem espetacularizada, têm em seu interior centelhas da velha guarda do samba. Muitos componentes das baterias mais reconhecidas do carnaval paulistano nasceram nas periferias e continuam frequentando os bares e aquecendo os corações daqueles que muitas vezes não podem pagar pelos ingressos.

São os bares e botequins que desempenham um papel crucial na promoção do samba como uma forma de expressão artística autêntica e enraizada nas comunidades. Nesses locais, em que a vida cotidiana se entrelaça com a música e a convivência social, o samba transcende sua função meramente musical para se tornar um agente vital na preservação e na renovação das tradições culturais.

É no bar da quebrada, na calçada, no beco, na viela ou na pracinha, em rodas e grupos de samba como o Samba da Vela, em Santo Amaro; o Pagode da 27, no Grajaú (zona sul); o Berço do Samba de São Mateus; o Quintal dos Prettos, na Vila Maria Zélia (zona leste); e o Samba da Cruz, na Casa Verde (zona norte), que acontecem em locais historicamente ocupados pela cultura negra, em que as escolas de samba se nutrem para resistir às pressões impostas pela gestão municipal, por secretarias responsáveis e por patrocinadores do carnaval paulistano.

A resistência dos bares na manutenção do samba como patrimônio cultural está intrinsecamente ligada à sua capacidade de proporcionar um espaço íntimo e acolhedor para artistas e admiradores. Ao contrário dos palcos grandiosos das superproduções (nos quais o capital muitas vezes dita os rumos da criação artística), nos bares e botequins, a criatividade pode florescer sem as amarras comerciais. Esses espaços permitem que o samba seja vivenciado com suas improvisações, variações regionais e letras que refletem as realidades locais.

Além disso, os bares funcionam como plataformas de resistência cultural ao proporcionarem um contraponto ao processo de homogeneização cultural. Ao celebrar as peculiaridades e os ritmos locais, fortalecem a identidade cultural das

comunidades, oferecendo um refúgio contra as influências massificadas da indústria cultural globalizada.

Portanto, é nas periferias e quebradas, espaços luminosos em sua efervescência cultural, embora muitas vezes tidos como opacos em termos de sua densidade econômica e informacional; que o samba se mantém vivo como um agente promotor de cultura e arte, não apenas preservando tradições ancestrais, mas também impulsionando novas formas de expressão e fortalecendo os laços comunitários por meio da música e da convivência compartilhada. Esses espaços são verdadeiros redutos da resistência cultural, em que a riqueza e a diversidade do samba podem ser plenamente apreciadas e celebradas, do *esquenta* à apoteose.

Considerações finais

Este artigo buscou compreender as relações entre o samba, o carnaval e os bairros de São Paulo, explorando a maneira como essas manifestações culturais articulam identidades, memórias e resistências nas dinâmicas urbanas. A partir de uma leitura geográfica, argumentou-se que as práticas culturais associadas ao samba não apenas refletem os processos históricos de segregação e transformação urbana, mas também produzem espacialidades marcadas por sociabilidades, vínculos comunitários e formas de resistência à lógica mercadológica imposta pelas políticas urbanas e pela especulação imobiliária.

Ao longo do texto, abordaram-se os percursos históricos e as múltiplas territorialidades do samba, desde suas expressões e sua origem no século XIX até sua presença consolidada nas periferias da metrópole. Para além dos tensionamentos entre o circuito inferior da economia urbana, que sustenta os blocos e escolas de bairro, e o circuito superior, responsável pela espetacularização e mercantilização da festa, destacaram-se: a importância da cultura negra; o papel organizador da população negra que se põe resistente diante da lógica da reprodução mercadológica do espaço urbano; e uma reflexão sobre os espaços luminosos e opacos da cidade à luz das manifestações artísticas e culturais.

Por fim, reforça-se que o samba e o carnaval constituem práticas profundamente enraizadas na vida cotidiana dos bairros populares da periferia paulistana, sendo fundamentais para compreender a produção do espaço urbano e os conflitos inerentes à cidade contemporânea. São, portanto, práticas que tornam visível uma cidade insurgente, que pulsa nos becos, vielas, quadras e botequins, ressignificando os territórios por meio da festa, da memória e da resistência cultural.

Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPP: Zahar, 1987.

ABREU, Maurício de Almeida. A cidade e a montanha. *In*: ABREU, Maurício de Almeida (org.). *Natureza e sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1992. p. 54-104. (Coleção Biblioteca Carioca).

AZEVEDO, Amailton Magno. *Sambas, quintais e arranha-céus*: as micro-áfricas em São Paulo. São Paulo: Olho d'Água, 2016.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 70, p. 44-58, ago. 2018.

BELO, Vanir de Lima. *O enredo do carnaval nos enredos da cidade*: dinâmica territorial das escolas de samba em São Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BARONETTI, Bruno Sanches. *Transformações na avenida*: história das escolas de samba na cidade de São Paulo (1968-1996). São Paulo: LiberArs, 2015.

BRASIL. *Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000*. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, DF: MinC, 2000. Disponível em: https://tinyurl.com/5ye9amy8. Acesso em: 24 set. 2024.

BRASIL. *Lei nº 14.567, de 9 de maio de 2023*. Reconhece as escolas de samba como manifestação da cultura nacional. Brasília, DF: MinC: MJSP: MIR, 2023. Disponível em: https://tinyurl.com/2vrd7t37. Acesso em: 24 set. 2024.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *Espaço-tempo na metrópole*: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. Segregação socioespacial e escolas de samba na cidade de São Paulo. *Histórica – Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo*, São Paulo, ano 40, p. 31-52, 1 fev. 2010.

DOMINGUES, Petrônio José. *Uma história não contada*: negro, racismo e trabalho no pós-abolição em São Paulo (1889-1930). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

DOZENA, Alessandro. *A geografia do samba na cidade de São Paulo*. São Paulo: Polisaber, 2012.

DOZENA, Alessandro; MARCELINO, Márcio Michalczuk. O samba na "quebrada" do Bexiga e do Parque Peruche. *Ponto Urbe*, São Paulo, p. 1-17, fev. 2008.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*: modernidade e dupla consciência. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001.

GONZALEZ, Lélia. *Festas populares no Brasil*. Rio de Janeiro: Index, 1987.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Samba de roda do Recôncavo Baiano*. Brasília, DF: Iphan, 2006. Disponível em: https://tinyurl.com/ym2f3f45. Acesso em: 17 jul. 2025.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Dossiê*: matrizes do Samba no Rio de Janeiro. Brasília, DF: Iphan, 2007. Disponível em: https://tinyurl.com/2aku9ydu. Acesso em: 24 set. 2024.

IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). *Educação Patrimonial*: inventários participativos – Manual de aplicação. Brasília, DF: Iphan, 2016.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, Nei. *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical*: partido-alto, calango, chula e outras cantorias. Rio de Janeiro: Pallas, 1992.

LOPES, Nei. *Partido-alto*: samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

MORAES, Amanda de Lima. *Populações negras em São Paulo: usos e apropriações da rua no início do século XX (1900-1930)*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

MOURA, Clóvis. *Brasil*: raízes do protesto negro. São Paulo: Global, 1983.

PEREIRA, Raquel de Pádua. *Produção cultural periférica em São Paulo-SP*: o drama da urbanização e suas representações artísticas. 2023. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes. *Território, cultura e política*: movimento cultural das periferias, resistência e cidade desejada. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RAIMUNDO, Sílvia Lopes; FRANCA, Gilberto Cunha. Espaço banal, vida comum: práxis e cultura nas periferias urbanas. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 19, n. 2, p. 82-99, 2023.

REDE NOSSA SÃO PAULO. *Mapa da desigualdade*, São Paulo, 2024. Disponível em: https://tinyurl.com/t4bwsx33. Acesso em: 17 jul. 2025.

ROLNIK, Raquel. *São Paulo*: o planejamento da desigualdade. São Paulo: Fósforo, 2022.

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

SANTOS, Alberto Luiz dos. *O samba como patrimônio cultural em São Paulo/SP*: as batucadas de beira de campo e o futebol de várzea. 2021. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

SANTOS, Marcos dos Santos. Diáspora sonora na América Latina: a ancestralidade como elo. *In*: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIISCIPLINARES EM CULTURA, 13., 2017, Salvador. *Anais eletrônicos* [...]. Salvador: UFBA, 2017. p. 1-9.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*: espaço e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. *O espaço do cidadão*. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido*: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa fragmentada*: o caso São Paulo. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil*: território e sociedade no início do século XXI. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Renato Emerson. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. *In*: SANTOS, Renato Emerson (org.). *Questões urbanas e racismo*. Brasília, DF: ABPN, 2012. p. 33-67.

SÃO PAULO (Estado). *Resolução de registro do samba paulista*. São Paulo: Condephaat, 2018. Disponível em: https://tinyurl.com/8dv23zvy. Acesso em: 24 set. 2024.

SÃO PAULO (Município). *Resolução SMC/Conpresp nº 29, de 8 de outubro de 2013*. Declara como Patrimônio Cultural Imaterial da Cidade de São Paulo o Samba Paulistano. São Paulo: SMC, 2013a. Disponível em: https://tinyurl.com/mjazzp8b. Acesso em: 17 jul. 2025.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 15.777, de 29 de maio de 2013*. Dispõe sobre a emissão de ruídos sonoros provenientes de aparelhos de som instalados em veículos automotores estacionados, e dá outras providências. São Paulo: SGM, 2013b. Disponível em: https://tinyurl.com/msvft4zy. Acesso em: 24 set. 2024.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 15.948, de 26 de dezembro de 2013*. Institui o Programa Municipal de Apoio a Projetos Culturais – Pro-Mac, dispõe sobre incentivo fiscal para realização de projetos culturais e dá outras providências. São Paulo: SGM, 2013c. Disponível em: https://tinyurl.com/3kwvbuwr. Acesso em: 24 set. 2024.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014*. Aprova a política de desenvolvimento urbano e o Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo e revoga a Lei nº 13.430/2002. São Paulo: SGM, 2014. Disponível em: https://tinyurl.com/24us6sj6. Acesso em: 24 set. 2024.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 16.402, de 22 de março de 2016*. Disciplina o parcelamento, o uso e a ocupação do solo no Município de São Paulo, de acordo com a Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014 – Plano Diretor Estratégico (PDE). São Paulo: SGM, 2016. Disponível em: https://tinyurl.com/samfjz9w. Acesso em: 24 set. 2024.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 17.975, de 8 de julho de 2023*. Dispõe sobre a revisão intermediária do Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo, aprovado pela Lei nº 16.050, de 31 de julho de 2014, nos termos da previsão de seu art. 4º. São Paulo: SEHAB, 2023. Disponível em: https://tinyurl.com/52k6mazp. Acesso em: 24 set. 2024.

SÃO PAULO (Município). *Lei nº 18.177, de 25 de julho de 2024*. Compatibiliza a redação do art. 2º da Lei nº 18.081, de 19 de janeiro de 2024, para tornar expressa a metodologia aplicada ao MAPA I, adequa legendas do MAPA I e a redação de outros dispositivos constantes da Lei nº 18.081, de 2024. São Paulo: SMJ: CC, 2024. Disponível em: https://tinyurl.com/35tf4bhh. Acesso em: 24 set. 2024.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação*: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão. 2003. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SMITH, Neil. A gentrificação generalizada: de uma anomalia local à "regeneração" urbana como estratégia urbana global. *In*: BIDOU-ZACHARIASEN, Catherine (coord.). *De volta à cidade*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 59-88.

SMITH, Neil. Gentrificação, a fronteira e reestruturação do espaço urbano. *GEOUSP Espaço e Tempo*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 15-31, 2007. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2007.74046.

SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

SOUZA, Luan Sodré de. *Educação musical afrodiaspórica*: uma proposta decolonial para o ensino acadêmico de violão a partir dos sambas do Recôncavo Bahiano. 2019. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

VASCONCELOS, Daniel Bruno. *A Copa do Mundo de 2014 na cidade de São Paulo*: as transformações na estrutura urbana de Itaquera. São Paulo: FFLCH/USP, 2019.

VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *Carnaval em branco e negro*: Carnaval popular paulistano – 1914-1988. Campinas: EdUNICAMP, 2007.

Samba and carnival in the transformations of São Paulo (SP) neighborhoods: paths, crossroads, and luminosity in the *Quebradas*

The article examines the historical, cultural, and social relevance of samba in São Paulo, highlighting it as an expression of resistance and collective celebration rooted in neighborhood life. Its objective is to investigate how samba functions as a cultural reference and form of preservation in São Paulo's peripheral areas, strengthening local identities and promoting cultural exchange, while resisting the homogenization imposed by real estate speculation and the globalized cultural market. Methodologically, the article draws on existing literature on São Paulo's urbanization processes and the spatial dynamics of samba, incorporating secondary data (represented in a thematic map) and urban policies that shape this articulation. It also includes field notes from participant observation in samba circles and schools, várzea football batucadas, and activities in cultural occupations. The processes and themes discussed suggest that the practice of samba contributes to the valorization of the quebradas as luminous spaces, empowered by the crossroads of multiple cultural references.

KEYWORDS: samba, carnival, neighborhood, quebrada, resistance.

Samba y carnaval em las transformaciones de los bairros de São Paulo (SP): caminos, encrucijadas y luminosidad en las *Quebradas*

El artículo examina la relevancia histórica, cultural y social de la samba en São Paulo, destacándolo como una expresión de resistencia y celebración colectiva arraigada en la vida barrial. El objetivo es investigar de qué modo la samba actúa como referencia y preservación cultural en las periferias paulistas, fortaleciendo las identidades locales y promoviendo intercambios culturales, al mismo tiempo que resiste la homogeneización impuesta por la especulación inmobiliaria y el mercado cultural globalizado. Metodológicamente, se articula bibliografía acerca de los procesos de urbanización de São Paulo y la espacialidad de la samba paulista, señalando datos secundarios (representados en un mapa temático) y políticas urbanas que orientan esa articulación, además de las anotaciones realizadas a partir de la observación participante en rodas y escuelas de samba, en batucadas de fútbol de várzea y actividades en ocupaciones culturales. Los procesos y temas debatidos suscitan la comprensión de que la realización de la samba confluye en la valorización de las quebradas como espacios luminosos, potenciados por la encrucijada de múltiples referencias culturales.

PALABRAS CLAVE: samba, carnaval, barrio, quebrada, resistencia

Artigo recebido em março de 2025. Aprovado em junho de 2025.